

O CRONISTA É O ESPIÃO DA CIDADE: O LIRISMO-REFLEXIVO DE ZEZA AMARAL



Campinas, 10 de dezembro de 2018. Chegamos na casa de Zeza Amaral, para a produção do documentário “O espião da cidade”, ainda em produção, na cidade de Campinas, interior paulista. Deste encontro nasceu esta entrevista. Ele nos levou a um canto da residência, e lá ficamos, ao som da voz de nosso entrevistado e de Cauby, o canário sob os cuidados de Zeza, que nos acompanhou naquele momento. Campinas no senso de 2010 contava com mais de milhão de habitantes. Não é mais a cidade da infância de Zeza Amaral, nem do jornalismo que conheceu segmentado entre os principais impressos da cidade, o Diário Popular e Correio do Povo, atualmente, ambas marcas da RAC (Rede Anhaguera de Comunicação). Zeza é cronista; Zeza é músico. Por anos conciliou as duas frentes. “Como nasce uma crônica?”, perguntamos. Ele: nasce, como está implícito na raiz da palavra, do tempo”.

Caio Albuquerque (CA) – Gostaríamos que falasse um pouco sobre suas origens.

Zeza Amaral (ZA) – Eu nasci em 21 de outubro de 1946 na mesma cama em que fui gerado, em Atibaia (interior paulista). Quem cortou meu cordão umbilical foi meu avô, com o canivete de picar fumo. E que, felizmente, ficou para mim como herança. Foi em Atibaia que, também, tive meu contato com as festas de reisados e congadas, que de certo modo, foram marcantes em minha formação musical. Minha avó me levava para assistir aos desfiles destes cortejos. Em 1949 viemos para Campinas. Estas lembranças em muitas ocasiões se incorporaram às crônicas que vim a produzir. Meu nome: José Antônio Siqueira do Amaral.

Elinaldo Meira (EM) – O que é crônica, Zeza Amaral?

ZA – A crônica nasce do tempo. Daquilo que observamos. O cronista é o espião da cidade. E o acaso é, também, o grande amigo do cronista. A natureza, a vida social, observada interessa ao cronista. A chuva que está chegando; a pessoa que pede dinheiro na rua; o malabarista no semáforo fechado... Todos podem se tornar personagens, e o que eles dizem também podem ser pontos de partida para a crônica.

EM – Desde quando Zeza Amaral é cronista?

ZA – Entrei para o Jornalismo em 1968. Entrei pela prática, por gostar de escrever. Anos depois me tornei jornalista pelo exercício da profissão. A partir de 1970 comecei a escrever crônicas. Antes disto escrevia sobre eventos na cidade de Campinas, sobre música, sobre o que se tem denominado como “jornalismo cultural”. Dona Beatriz Roxo Moreira, que fora casada com Augusto Roxo Moreira, na época dona do Diário do Povo, me conhecia pela música que eu produzia, pelos grupos em que eu tocava e cantava. Tocávamos em vários ambientes, foi num destes, no Clube da Hípica, que veio o convite para atuar no Diário do Povo como crítico de música. Acabei percebendo que tinha jeito para a coisa. Porém, fazer crítica de música, coisa com a qual me familiarizava por atividade profissional, me parecia um descabimento naqueles anos de chumbo; vivíamos uma ditadura. Como alguém poderia criar com liberdade, e efetiva qualidade, num momento como aquele? Ao meu ver, a função do crítico naquele momento não tinha função! Resolvi, então, aos poucos, mudar meu foco textual, passei a escrever histórias de músicos e das músicas.

CA – A circunstância fez nascer o cronista?

ZA – Sim. Esta epifania para a crônica veio pela música, pelas narrativas que estão no cerne criativo da música brasileira. Estas crônicas nascentes – vamos assim dizer – começaram a tomar tal forma, foram agradando ao leitor, que Dona Beatriz, me chamou e me disse que eu deveria, então, me dedicar à crônica, pois minha escrita caminhava para isto. E foi assim que no decorrer de 2 anos escrevi crônicas semanalmente, e depois, a partir de 1972, minha coluna passou a ser diária.

CA – Estamos falando de um jornalismo regional; a crônica na prática jornalística, muitas vezes, trata do lugar de circulação de um impresso, como é o caso nos jornais onde você atuou e atua. Como é isto para você?

ZA – Cada qual canta a sua aldeia. A universalidade está no humano que a habita, no modo como lida com os fatos da vida social, nos dramas que vive. Esta ideia é essencial. Tolstói nos ensina isto. Há crônicas que tem vida de um dia, de uma edição; outras poderemos ler daqui a anos. Não há fórmula rígida para tanto. E quanto mais as buscarmos, pior será o nosso trabalho. Podemos lidar com as formas de escrita, que vão desde o espaço gráfico que teremos num impresso a com quantas palavras

poderemos trabalhar. Isto é codificável; a vida, e como ela acontece, nem sempre. E onde ela ocorre, no fundo, é pela retomada de grandes e conhecidos temas e dramas. O regional é muito universal, neste sentido.

EM – O que destacaria da sua experiência no jornalismo cultural?

ZA – Tem uma passagem que me foi interessante. Em 1972, Vinícius de Moraes, veio a Campinas. Por intermédio de um amigo, o arquiteto Renato Riqueto, me aproximei do músico-poeta. Após o show, Vinícius chegou na casa do Riqueto por volta de uma hora da manhã, ficou lá, bebendo e comendo algo. Cheguei um pouco mais tarde, todo orgulhoso por poder entrevistar Vinícius. Muito simpaticamente ele me recebeu, ajeitei o gravador e fiquei na expectativa da conversa. Ele me ofereceu uísque, tomamos, falamos sobre música, nos empolgamos... Quando me dei conta já estava mais do que tarde para entregar a matéria no jornal... Sai correndo... no caminho fui me dar conta de que só havia gravado um lado da fita cassete que usávamos à época. Ainda meio que embriagado, sentei-me à mesa na redação, e o restante da matéria teve de nascer nas memórias daquele bate-papo. A pessoa de Vinícius era muito densa, e eu um admirador da obra daquele mestre. A densidade de um entrevistado pode ser um perigo para um repórter; o distanciamento também é importante, em especial quando se admira ou odeia o entrevistado. Enfim, foi uma bonita lição, sobretudo.

**EM – Quais foram seus cronistas de predileção?**

ZA – Os impressos brasileiros se ocuparam com a crônica; temos uma tradição consolidada, e diria, até uma cara própria para este tipo de escrita. Talvez o nosso jornalismo tenha nascido disto, da nossa capacidade de olhar a vida se fazendo. Meus prediletos foram (e são) Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, David Nasser, que embora tivesse o domínio da palavra, e com ela lidava com competência, era um calhorda. Antônio Maria foi genial, e me influenciou muito; temos ainda o

Carlinhos de Oliveira, um dos melhores na imprensa carioca; o Sérgio Porto, este é maravilhoso! São tantos!

CA - A notícia é a matéria-prima da crônica?

ZA – Se sobre isto existir criação; se sobre isto existir um estado lírico, sim. Por volta dos começos dos anos 2000 li uma notícia acerca de um sitiante de Monte Mor (cidade próxima a Campinas); era um homem do meio rural; na notícia dizia que uma mula dele havia sido roubada, era um animal de muita utilidade na vida daquele homem, pois o servia na tração da carroça com a qual sobrevivia em pequenos trabalhos, embora fosse um animal já velho. O sitiante era um homem com cerca de 70 anos, e durante uns 8 dias percorreu o trajeto entre Campinas e Monte Mor de bicicleta no intuito de encontrar o animal. Ele não ia pela rodovia asfaltada, mas pelas estradas de terra, beirando sítios. Encontrou a mula!

EM - Que sorte!

ZA – Persistência. E isto tem muito a ver com a prática jornalística. Mas, volto ao fato. Este senhor, ao ver o seu animal, denunciou a questão à polícia. A pessoa que estava com a mula na propriedade disse que a havia comprado de uma terceira pessoa. Este enredo se estendia enquanto notícia publicada. Era muito trabalho empregado para recuperar um animal que aparentemente não valia quase nada, já velho. O repórter que fez a matéria perguntou ao sitiante: “Por que o senhor ficou tão preocupado com o desaparecimento do animal?”. Ele respondeu: “É que quando meus netos vêm me visitar no sítio, eles adoram brincar com esta mula”. Veja: temos nisto um pequeno retrato onde transparecem valores humanos geniais! Isto, ao se tornar crônica, chegará ao leitor, porque o leitor poderá concordar com tais valores, comungando dos mesmos ideais. A crônica pode, e deve, enaltecer gestos bons; deve deixar o leitor alerta para as aparentes coisas insignificantes com as quais lidamos.

CA – A prática faz o mestre?

ZA – Também. A prática nos auxilia a escrever, nos ensina estratégias. Adoro escrever, e adoro ainda mais quando me sugerem um tema. Acrescentam-se a isto as particularidades e repertórios de cada um. O tempo é a alma da crônica que serve ao amadurecimento (no tempo da vida) do cronista.

EM – O que merece uma crônica?

ZA – O que for percebido. Um cinzeiro vazio ou sujo. Largado cheio de bitucas. É uma questão de observar a vida. Se você vê num bar alguém sozinho, e o local está cheio, e o cinzeiro vazio... Fatos começam a serem deduzidos: ele não fuma, mas está num ambiente esfumaçado, e cheio... Talvez ele não esteja aguentando a solidão, e acha melhor se sacrificar neste ambiente do que ficar em casa. Aí nasce a personagem. Contrastes atraem os cronistas.

CA – Onde você escreve hoje?

ZA – No Jornal Correio do Povo, em Campinas. Escrevo crônicas para as plataformas digitais e impressas do Correio. Sou músico, compositor, vivo estas duas experiências, as quais, por vezes, é uma só.

...

SOBRE OS ENTREVISTADORES:

CAIO ALBUQUERQUE - Jornalista formado pela Unesp – campus de Bauru. Mestre em Comunicação Midiática, pela mesma Universidade. Atuou como assessor de imprensa na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor. Atualmente é jornalista na Divisão de Comunicação da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), da USP. Foi editor do impresso de arte e cultura “Ô Sujeito!” entre 2003 a 2005. E-mail: caioalbuquerque@usp.br

ELINALDO MEIRA - Doutor em Artes pela Unicamp. Pós-doutorado em Estudos Culturais pelo PACC/UFRJ e pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Professor na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom). E-mail: meira.elinaldo@gmail.com

Fotos: Elinaldo Meira.

E-mail de Zeza Amaral: zeza@rac.com.br